

*Vertentes e Interfaces I: Estudos Linguísticos e Aplicados***DO PRESENCIAL AO DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA:
O *ETHOS* REVELADO PELO PROFESSOR EM ATIVIDADE REMOTA***Elaine Ribeiro***Julia Caroline Goulart Blank****Ermani Cesar de Freitas****

RESUMO: Recorrendo aos estudos teóricos sobre linguagem e trabalho, este estudo tem como objetivo analisar a construção do *ethos* discursivo do professor, como imagem de si, em atividade de trabalho remoto, quando submetido a uma cenografia atípica que o leva ao uso de si por si e pelos outros para a realização do seu trabalho. A fim de desenvolver a análise dos dados, nos apoiamos nos pressupostos teóricos da cenografia e do *ethos* da Análise do Discurso de Maingueneau (2008; 2013; 2015; 2018; 2019; 2020), bem como nos preceitos da Ergologia, propostos por Schwartz (2014), Schwartz e Durrive (2010), Nouroudine (2002), Faïta (2002) e Souza-e-Silva (2002). Esta é uma pesquisa bibliográfica e exploratória, com abordagem qualitativa. O *corpus* é constituído pelo depoimento de uma professora, postado na rede social Facebook, após ela sofrer uma crise de ansiedade por não conseguir concluir uma videoaula. Observamos que a docente, ao permitir o “uso de si por si” e “de si pelos outros”, foi além do limite saudável para sua atividade. Verificamos que as dramáticas e renormalizações vivenciadas pela professora levaram-na a revelar um *ethos* de esgotamento físico e psicológico, sentindo-se pressionada e desvalorizada pela sociedade e clamando por reconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Atividade Remota; Linguagem e Trabalho; Pandemia; Professor.

Introdução

O cenário pandêmico que se instaurou no Brasil, desde o início de 2020, afetou significativamente a vida das pessoas. O novo coronavírus, identificado inicialmente em Wuhan na China, se disseminou rapidamente pelo mundo todo, causando o adoecimento e a morte

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS. Bolsista Capes. Professora de português/espanhol do Instituto Federal Catarinense – Campus Fraiburgo, Fraiburgo.

** Doutoranda em Letras na Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista Capes. Jornalista do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Ibirubá, RS.

*** Doutor em letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul (Puc-RS). Realizou estágio de pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Puc-SP). Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Professor do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS.

de inúmeras pessoas. Nesse contexto, o isolamento social, dado que a contaminação ocorre de pessoa para pessoa, passou a ser uma das recomendações de prevenção à doença causada por esse vírus, a *Coronavirus Disease 2019* (COVID-19).

A ação preventiva resultou no fechamento de inúmeros estabelecimentos profissionais, entre eles escolas e demais instituições de ensino. Com os sistemas educacionais de portas fechadas e sem perspectiva de retorno, o desafio em meio à pandemia se tornou ainda maior, como de que maneira continuar a formação de milhões de estudantes isolados em casa. A solução foi substituir o tradicional modo presencial de ensino por uma nova modalidade, o ensino remoto. Assim, os professores tiveram sua rotina de sala de aula transformada; eles precisaram adaptar suas práticas pedagógicas, desenvolver as habilidades necessárias para adentrar no mundo da tecnologia e produzir aulas *on-line* com conteúdo dinâmico, atrativo e acessível para os alunos e, por também estarem confinados em seus domicílios, adequar um novo espaço de trabalho. Essa nova realidade levou esses sujeitos a vivenciar, além do cansaço físico e emocional próprios da profissão, o desgaste ocasionado pelo confronto entre as prescrições conhecidas do modelo presencial e as novas imposições do ensino remoto.

Diante desse cenário, a temática deste estudo se inscreve na perspectiva que envolve a interface linguagem e trabalho. A delimitação do tema consiste na construção do *ethos*, como imagem de si, mediante as cenografias instituídas na atividade de trabalho. A questão norteadora que instiga este estudo parte da seguinte afirmação: o professor, em atividade remota de ensino, revela um *ethos* discursivo, como imagem de si, construído mediante cenografias atípicas que o conduzem ao uso de si por si e pelos outros na realização do seu trabalho. Nesse sentido, nosso principal objetivo com essa investigação é analisar a construção do *ethos* discursivo do professor, como imagem de si, em atividade de trabalho remoto, quando submetido a uma cenografia atípica que o leva ao uso de si por si e pelos outros para a realização do seu trabalho.

Para que esse objetivo fosse alcançado, nos apoiamos nas noções de cenografia e *ethos* da Análise do Discurso de Maingueneau (2008; 2013; 2018; 2019; 2020), bem como nos preceitos da Ergologia, propostos por Schwartz (2014), Schwartz e Durrive (2010), Nourou-dine (2002), Faïta (2002) e Souza-e-Silva (2002). A pesquisa realizada se caracteriza por ser bibliográfica e exploratória, utilizando uma abordagem qualitativa. O *corpus* é constituído por recortes do texto “Textão da Quarentena”, publicado na rede social Facebook, que trata do desabafo de uma professora em atividade remota após sofrer uma crise de ansiedade por não conseguir finalizar uma videoaula.

A base teórica que dá suporte ao estudo está organizada da seguinte maneira: inicialmente, apresentamos aspectos importantes da interface linguagem e trabalho; em seguida, abordamos, de modo sucinto, a perspectiva ergonômica para, então, dar destaque às noções teóricas da Ergologia; a seguir, tratamos dos pressupostos relacionados à Análise do Discurso, mais especificamente o *ethos* discursivo e a cenografia; e, por fim, discorreremos sobre os caminhos metodológicos percorridos, a análise realizada e as considerações finais.

Abordagem ergológica e a relação da linguagem com o trabalho

A visão mecanicista sobre o trabalho, desenvolvida durante o período taylorista, tornou-se insuficiente para atender às exigências de uma sociedade heterogênea e em constante transformação. Essa percepção permitiu o enfraquecimento do taylorismo – método operacional, criado por Frederick Taylor, que descartava qualquer interferência de fatores humanos na realização da atividade.

Nesse cenário, no início dos anos 1980, na França, o filósofo Yves Schwartz, seguido por estudiosos de diversas áreas (filósofos, sociólogos etc.), propôs uma abordagem filosófica do trabalho, denominada “Ergologia”. Essa perspectiva possibilitou um olhar mais atento para a condição humana do trabalhador. Entre as ciências que impulsionaram os estudos de Schwartz está a Ergonomia da Atividade, uma metodologia fundamental para compreender a complexidade da atividade laboral, visto que possui como principal propósito “transformar o trabalho” (GUÉRIN *et al.*, 2001, p. 1).

A Ergonomia possibilitou novas formas de compreender a atividade laboral, considerando o sujeito trabalhador em situação real de trabalho. Desse modo, a abordagem ergonômica da atividade toma como objeto de estudo a distância existente entre o prescrito e o realizado. Conforme Daniellou (2004, p. 7), essa distância se mostra “como um problema de comunicação, e até de negociação, entre os encarregados de produzir prescrições e aqueles a quem elas se destinam”. Nesse sentido, segundo esse autor, o “alvo da ação do ergonomista é justamente a instauração de novas formas e novos espaços de confrontação entre [...]” quem prescreve e quem realiza a tarefa.

Schwartz e seus seguidores, tomando Ergonomia como inspiração, ampliam o olhar sobre a atividade de trabalho ao instaurar a Ergologia como um “modo de encaminhamento inovador para abordar a atividade humana” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 19). Em seus estudos, Schwartz (2014, p. 260) enfatiza a “presença enigmática de uma pessoa, de uma singularidade viva no tratamento de situações a viver” que, ao exercer a gestão de si própria

e do seu corpo para solucionar as variabilidades da sua atividade, manifesta a distância entre a prescrição e o que de fato é realizado.

Nessa perspectiva, Schwartz e Durrive (2010) conformam a premissa partilhada pela Ergonomia de que o trabalho não é uma simples execução de normas. De acordo com esses autores, “o meio é sempre infiel”, sendo irrepetível e preciso reger essa infidelidade (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 189). Voges e Di Fanti (2021, p. 197), salientam que “a atividade de trabalho, em sua complexidade, nunca se repete integralmente, pois sempre há variabilidades, mesmo que mínimas”. Assim, na intenção de gerir a infidelidade apresentada pelo meio, o sujeito trabalhador faz escolhas a partir dos seus saberes, de suas próprias capacidades e de seus próprios métodos de ação, e isso conforma o que Schwartz (2014) estabelece como “uso de si”. Ao fazer “uso de si”, o indivíduo atribui “a si mesmo leis para dar conta do que falta”, para preencher o “vazio de normas”, porque aí as normas antecedentes são insuficientes” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 189).

Dessa forma, o trabalhador é levado a reorganizar aquilo que lhe foi determinado em um processo contínuo de “decisões sempre parcialmente não antecipáveis, renormalizações” (SCHWARTZ, 2014, p. 261), o que caracteriza a gestão própria do ser humano e o seu debate de normas e valores em resposta a suas escolhas. Ao fazer uso de si, o indivíduo arrisca acertar ou falhar, agradar ou desagradar e, por fim, arcar com os desfechos das escolhas realizadas. Desse modo, nasce “a ideia de que esse uso de si é uma imposição contínua dessas microescolhas permanentes e disso surge a expressão do trabalho como dramática do uso de si” (SCHWARTZ, 2014, p. 261).

As dramáticas do uso de si vão além de somente o uso de si próprio, estendendo-se para o “uso de si pelos outros”, dado que “[a] partir do momento que há uso e não simplesmente execução, o uso encontra os outros” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 192). Esses autores alegam que os outros que interferem na atividade podem ser de diferentes esferas, como: empregadores, colegas de trabalho ou, até mesmo, quem qualifica ou depende do trabalho desenvolvido. As escolhas realizadas pelo sujeito, tendo em vista a relação que mantém com os “outros” que atravessam a atividade, determinam a forma como esse encontro acontece e os dramas que ele irá vivenciar. Dessa maneira, “toda atividade de trabalho é um ‘uso de si por si e pelos outros’” (SCHWARTZ, 2014, p. 259).

Entender as dramáticas do uso de si por si e pelos outros, experienciadas pelo trabalhador, exige que se considere as atividades languageiras que compõem o dia a dia do mundo do trabalho. A linguagem organiza e orienta os modos operatórios dos trabalhadores e manifesta uma centralidade fundamental na realização do trabalho prescrito nas organizações.

Segundo Souza-e-Silva (2002, p. 61), “a atividade de linguagem e a atividade de trabalho estão estreitamente ligadas, ambas transformam o meio social e permitem trocas e negociação entre os seres humanos”.

Schwartz, em entrevista a Di Fanti e Barbosa (2016), afirma que as práticas de linguagem são uma forma encontrada pelo sujeito para dialogar com o seu corpo-si mediante uma situação de atividade nunca antes experienciada. Nessa mesma entrevista, Schwartz enfatiza a necessidade do auxílio da linguística, no que se refere aos estudos ergológicos e, principalmente, às pesquisas linguísticas que atentam para o enunciado, para a enunciação, “focalizando o uso da linguagem vinculado ao momento da atividade, ao agir no presente, aqui e agora, no momento do viver e do trabalhar” (DI FANTI; BARBOSA, 2016, p. 231). Voges e Di Fanti (2021, p. 197) reforçam a afirmação de Schwartz, destacando que a “dimensão da linguagem do corpo-si, que é constituído do cruzamento dos debates de normas, deve ser ‘aprofundada com o apoio dos linguistas’”. O fundamental papel da linguística para os estudos sobre a atividade de trabalho é também evidenciado por Faïta (2002), o qual, ao considerar a constante mobilização discursiva e a variedade de sentidos produzidos em ambiente laboral, identificou a necessidade de ouvir o trabalhador sobre sua atividade de trabalho e sobre a gestão das variabilidades encontradas ao realizá-la.

Abdallah Nouroudine (2002) percebe a relação linguagem e trabalho em três aspectos distintos: linguagem no trabalho, como trabalho e sobre o trabalho. Embora exista uma estreita ligação entre essas três modalidades, Nouroudine (2002) evidencia os distintos problemas de ordem prática e epistemológica que elas apresentam. Dessa forma, esse autor emprega “o conceito de ‘práticas languageiras’ como termo genérico abrangendo os três aspectos da linguagem” (NOUROUDINE, 2002, p. 18).

Neste estudo, nos atemos às práticas de linguagem “sobre” o trabalho, visto que o *corpus* de análise se compõe de um discurso que evidencia o ponto de vista do trabalhador sobre sua atividade laboral durante a pandemia do COVID-19. Segundo Nouroudine (2002), essa vertente de análise – isto é, a linguagem sobre o trabalho – proporciona, tanto para o analista quanto para o próprio trabalhador, avaliar uma situação ou um problema, bem como dar opinião e refletir sobre a atuação dos envolvidos na atividade.

No entanto, analisar o discurso docente sobre as tensões da atividade laboral, mediante um contexto epidemiológico, requer o auxílio de estudos que possibilitem uma reflexão minuciosa e integrada sobre as práticas profissionais. Sendo assim, buscamos suporte nas concepções da Análise do Discurso de Maingueneau (2008; 2013; 2018; 2019; 2020), pois acreditamos que o professor em atividade remota pode ser melhor compreendido pela cenografia

e pelo *ethos* revelados nas pistas linguístico-discursivas apresentadas pelo enunciador, as quais conformam as dramáticas do uso de si, o debate de normas e valores e as renormalizações efetuadas pelos docentes na atividade de trabalho em período de pandemia.

Dessa forma, na sequência, discorreremos sobre as noções teóricas que compõem a perspectiva da análise do discurso, de base enunciativa, por meio de contribuições teóricas sobre cenografia e *ethos* (MAINGUENEAU, 2020).

Cenografia e ethos sob a perspectiva da Análise do Discurso

Construir um percurso que delimite o início, meio e fim da Análise do Discurso é uma atividade deveras complicada. Maingueneau (2015) cita que as problemáticas abrangidas atualmente pela área surgiram em 1960 nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra. Vários campos do conhecimento se uniram para a formação dessa disciplina e cada autor colaborou em diferentes áreas. Uma explicação para essa multiplicidade de concepções sobre a Análise do Discurso se dá pela própria polissemia da palavra “discurso”, que representa tanto um ato particular como todo o uso da língua apontado pelos linguistas.

Neste trabalho, nos propomos a aplicar os preceitos da Análise do Discurso elaborada por Maingueneau (2008), que vê o discurso norteado por uma semântica global, constituída por diversas dimensões, as quais chamamos de “planos”. Cada um dos sete planos propostos pelo autor interage com os outros e possui o mesmo valor para a análise discursiva. Não há privilégios, e nenhum plano concentra tudo o que há de relevante sobre um discurso; ou seja, cada um é responsável por certas especificidades discursivas. Realizar uma análise que abranja todos os planos é um trabalho extenso e que não pode ser condensado em um único artigo, portanto nos concentraremos, neste momento, no plano do modo de enunciação.

A maneira específica que um enunciador utiliza para dizer algo está estritamente relacionada ao ambiente e às regras sociais que regem a interação; assim, cada gênero discursivo circula em determinadas áreas e tem propósitos relativamente delimitados. As particularidades dos gêneros discursivos dão um tom à enunciação, “o discurso produz um espaço onde se desdobra uma ‘voz’ que lhe é própria” (MAINGUENEAU, 2008, p. 91). É essa voz que torna possível descrever semanticamente as características de um discurso, mesmo que ele não seja pronunciado em voz alta.

O tom está relacionado ao caráter (traços psicológicos) e à corporalidade do enunciador (MAINGUENEAU, 2008), podendo ser verificado em textos, comentários e posicionamentos manifestados em redes sociais, como no Facebook. O discurso nessa rede configura uma corporalidade muito particular, a qual é designada pelos usuários como “textão”,

caracterizada pelo texto opinativo e crítico às situações que transpassam o enunciatário. A noção de incorporação garante que o discurso e seu modo de enunciação estejam conectados: o enunciatário não escolhe a maneira como vai dizer algo, é o discurso que lhe dá corpo. Isso acontece também com os destinatários, incorporando-os como adeptos do discurso, que conectam uma maneira de ser com uma maneira de dizer (MAINGUENEAU, 2008).

O caráter e a corporalidade não representam o corpo físico e as representações psicológicas exatas do enunciador, mas “provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las” (MAINGUENEAU, 2013, p. 108). O enunciador desempenha um papel ao enunciar, ou seja, a enunciação é **encenada** e cada situação cotidiana exige que o enunciador represente um papel apropriado (MAINGUENEAU, 2015). A fim de caracterizar a cena de enunciação, podemos entendê-la sob o ângulo da interação entre três cenas diferentes: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A cena englobante está relacionada ao tipo de discurso e em qual segmento da sociedade esse tipo de enunciado circula. Ao analisarmos um discurso, inicialmente verificamos se esse é resultante da mídia, da política, da religião etc., ou seja, à qual cena englobante ele pertence. Os produtores desse discurso devem se apresentar de acordo com o esperado para o tipo de discurso que estão enunciando (MAINGUENEAU, 2015) – por exemplo, um padre deve ser um homem de fé, então não se pode esperar dele um comportamento ateu.

Enquanto a cena englobante compreende um conjunto de gêneros discursivos próprios de um segmento, a cena genérica reduz essa gama de possibilidades, voltando-se para o gênero discursivo específico da enunciação (MAINGUENEAU, 2015). Espera-se que o locutor estabeleça uma finalidade para seu enunciado e guie as estratégias discursivas de acordo com tal propósito. Ele pode se utilizar de cenas validadas para justificar seu discurso; essas cenas estão instaladas na memória coletiva da sociedade e representam modelos de valorização ou rejeição de conceitos (MAINGUENEAU, 2013). A enunciação também prevê papéis determinados para cada participante, bem como um lugar apropriado para sua manifestação, inscrito no tempo e no espaço, onde o locutor possa utilizar os recursos linguísticos disponíveis para atender ao seu objetivo conforme o gênero discursivo selecionado.

Todo discurso objetiva ganhar a adesão dos interlocutores, portanto não pode contar apenas com mecanismos linguísticos preestabelecidos. Os gêneros discursivos fornecem uma base para o locutor seguir, mas cabe a ele organizar a situação na qual pretende se manifestar – a essa organização chamamos de “cenografia” (MAINGUENEAU, 2015). O controle do locutor é fundamental para o sucesso da cenografia; Maingueneau (2015) ressalta ser esse o

motivo pelo qual os monólogos são mais estáveis do que os diálogos, pois nestes é necessário adaptar a cenografia a cada reação do interlocutor.

A construção de diferentes cenas de enunciação, de acordo com os ambientes e diálogos nos quais o locutor se vê inserido, acaba por moldar a sua personalidade, revelando-a por meio da enunciação, fenômeno que Maingueneau (2008) chama de “*ethos*”. O destinatário constrói e avalia a representação do enunciador no mundo real a partir de sua enunciação, criando uma instância subjetiva designada como “fiador” (MAINGUENEAU, 2018). O *ethos* representado é criado por meio do discurso; desse modo, é um *ethos* discursivo, que pode ser interpretado de duas formas: mostrado, relativo à maneira de falar do locutor, ou dito, referente ao que o locutor diz de si mesmo (MAINGUENEAU, 2020).

Na internet, a cenografia e o hipergênero estão em primeiro plano na composição do *ethos* (MAINGUENEAU, 2020). Os criadores de *sites* precisam definir uma cenografia que seja adequada ao *ethos* e às finalidades desse *site*. No caso das redes sociais, essa finalidade é a interação entre os usuários, e para isso é utilizado um vasto número de recursos tecnológicos. As possibilidades de interação fornecidas pela internet tornam difícil inserir um texto em uma cena genérica, “o(a) internauta efetua uma navegação, ele(a) fabrica o hipertexto que lê, em vez de seguir o fio a si imposto por um texto único e compacto” (MAINGUENEAU, 2020, p. 157).

Textos escritos continuam possuindo um *ethos* consistente na internet, mas, na maioria dos casos, o *ethos* verbal é substituído por um *ethos* global, que implica maior fluidez e possibilidades de interpretação. O caso de uma página pessoal em uma rede social propicia a saliência do *ethos*, visto que a personalidade da pessoa em questão é o que tem maior destaque nesses textos (MAINGUENEAU, 2020). Tratando-se de tipos de texto, podemos dizer que o *post* em formato de “textão” no Facebook apresenta um *ethos* mais forte do que seus respectivos comentários. Isso se dá pelo fato de que o texto foi elaborado com uma determinada finalidade, seguindo regras que ditam a temática, os recursos lexicais, o tipo de linguagem utilizada etc., enquanto os comentários, em geral, se restringem a pequenas enunciações similares ao estilo oral, não obedecendo a nenhuma regra (MAINGUENEAU, 2020). A fim de entendermos melhor como esses conceitos são aplicados na prática, seguimos para a metodologia que compõe nosso trabalho.

Caminhos metodológicos da investigação

Na metodologia assumida nesta investigação, o tipo de pesquisa se caracteriza como bibliográfico e exploratório, com abordagem qualitativa, cujo objetivo é analisar a construção do *ethos* discursivo do professor, como imagem de si, em atividade de trabalho remoto,

quando submetido a uma cenografia atípica que o leva ao uso de si por si e pelos outros para a realização do seu trabalho.

Diante do interesse deste estudo, elegemos como *corpus* uma postagem no Facebook – rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, *links*, vídeos e fotografias publicamente. O texto, intitulado pela autora como “Textão de Quarentena”, é um desabafo, realizado por uma professora, sobre o desafio da preparação e realização das aulas remotas ou aulas *on-line*, modalidade de ensino adotada pelas escolas durante o período de distanciamento social para conter a pandemia de COVID-19. Devido ao espaço e à extensão desta investigação, selecionamos alguns recortes discursivos extraídos do texto publicado, os quais consideramos mais representativos ao objetivo do estudo.

Visando a uma melhor compreensão da análise dos *corpora* apresentados, considerando tanto a questão ergológica quanto a perspectiva da Análise do Discurso sobre cenografia e *ethos* discursivo, elaboramos o esquema explicitado na Figura 1.

Figura 1 – Esquema Ergodiscursivo



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

O roteiro teórico de análise, visualizado na Figura 1, demonstra os passos a serem seguidos e o suporte teórico-metodológico utilizado na análise, o qual se concentra na interface entre a Ergologia – nos preceitos propostos por Schwartz (2014), Schwartz e Durrive (2010), Nouroudine (2002), Faïta (2002) e Souza-e-Silva (2002) – e a Análise do Discurso, conforme pressupostos de Maingueneau (2008; 2013; 2018; 2019; 2020), mais especificamente no que se refere à cenografia e ao *ethos* discursivo. Salientamos que esse percurso poderá sofrer modificações ao longo da investigação e que não necessariamente seguirá a

ordem aqui disposta, visto que, no decorrer da análise, diferentes enfoques poderão ser identificados.

Análise

Na sequência, apresentamos as análises discursivas de dois recortes extraídos da postagem “Textão da Quarentena”, publicada na página pessoal da professora, autora do texto, na rede social Facebook. Nos enunciados, a docente relata as dificuldades enfrentadas na realização da atividade de trabalho durante a pandemia ocasionada pela COVID-19. Nesse sentido, o *corpus* de análise deste estudo se compõe de enunciados que apresentam a interpretação do trabalhador (professora) sobre sua atividade laboral. Em vista disso, nossa escolha, conforme já explicitado anteriormente, recai nas práticas de linguagem “sobre” o trabalho, uma vez que essa modalidade de análise permite, segundo Nouroudine (2002), que o analista e o sujeito trabalhador possam avaliar e refletir analiticamente sobre o fazer laboral. Os recortes utilizados nesta análise estão expressos no Quadro 1.

Quadro 1 – Excertos do texto “Textão da Quarentena”

<p>EXCERTO 1</p> <p>Hoje, para gravar uma aula de 25 minutos, para UMA turma eu demoro - entre fazer a aula, gravar e editar - um dia, um dia e meio. Agora é só fazer as contas... Com 21 turmas, quanto tempo eu perco na frente do computador? Some isso ao fato de eu não saber, e ter que procurar tutoriais na internet.</p> <p>Some ainda, estarmos todos em casa. Então é criança correndo pra lá pra cá (muitos professores, têm filhos, vcs sabiam?), gente chamando, o escritório ou ambiente de trabalho - que é dividido com outras pessoas que também estão em home-office.</p> <p>Some ainda a pressão de trabalhar mais e ouvir, que talvez, você tenha seu salário reduzido porque os pais dos seus alunos falam que você, professor, está em casa ganhando para fazer videozinho..</p>
<p>EXCERTO 2</p> <p>Eu quero empatia.</p> <p>Eu quero que as pessoas entendam, que a gente está correndo contra o tempo pra deixar tudo pronto prós filhos de vocês.</p> <p>Que estamos trabalhando o triplo.</p> <p>E que estudamos muito para chegarmos a professores. Dar aula não foi do dia pra noite.</p> <p>Aluno, olhe pro seu professor com mais carinho.</p> <p>Pai, mãe... Não diga que o professor do seu filho tá em casa sem fazer nada.</p> <p>Familiares, entendam que nós vamos precisar de ajuda.</p> <p>Escolas, valorizem seus profissionais.</p>

Fonte: Dados extraídos do Facebook (2020).

O primeiro recorte (Excerto 1), apresentado do Quadro 1, revela algumas das adversidades vivenciadas pela professora, autora do texto, no início do período de isolamento social. Uma das principais dificuldades encontradas pela docente é adequar as aulas, os materiais e as atividades para outro modelo que não o presencial; outra é encontrar tempo suficiente para dar conta da preparação das aulas, visto que, além do planejamento, ela precisa gravar e

editar cada aula. Isso tudo exige horas de trabalho e conhecimentos que a professora, autora desse relato, não possui. Cabe ainda ressaltar que o local de trabalho já não é mais a sala de aula na escola – ambiente apropriado e pensado para o ensino –, mas sim a própria casa da enunciadora, local que, além de não ser um ambiente propício para a atividade laboral, é dividido com outras pessoas que vivem com ela.

Transformar as tradicionais aulas presenciais em digitais implica uma forte renormalização da atividade, pois as solicitações externas exigem novas formas de trabalhar, novos conhecimentos e novas ferramentas; logo, será necessário gerir a deficiência de normas e a falta de instruções, identificadas nos dizeres “*some isso o fato de eu não saber, e ter que procurar tutoriais na internet?*”. As novas regulamentações que se estabeleceram sobre a realidade do trabalho da docente afetam, significativamente, o que Schwartz e Durrive (2010) denominam como “dramáticas da atividade”. Nesse sentido, ao precisar gerenciar novas maneiras de realizar a atividade, a docente fez uso de si mesma, do seu corpo, das suas experiências e da sua forma de ver e sentir o mundo que a cerca, pois, conforme Schwartz, em toda situação de trabalho existe “a presença enigmática de uma pessoa, de uma singularidade viva no tratamento de situações a viver” (SCHWARTZ, 2014, p. 260).

E é esse ser e essa singularidade que ficaram expostos no depoimento da enunciadora, quando ela manifestou suas dificuldades para atender à nova demanda. Ao buscar preencher o que Schwartz e Durrive (2010, p. 190) chamam de “vazio de normas”, foi preciso que a docente atribuisse “a si próprio leis para dar conta do que falta”. Ao enunciar “*quanto tempo eu perco na frente do computador?*”, a professora não se refere a tempo perdido, mas ao quanto demora para realizar a sua atividade, o que não permite que ela possa usufruir dos seus momentos de lazer. Tal situação colocou a docente em um debate sobre os valores entre seu trabalho e sua vida pessoal, tornando a atividade laboral uma espécie de dramática. Tudo isso se configura dentro de um quadro que implica uma dramática pessoal do uso de si por si, isto é, uma dramática do uso de si (SCHWARTZ, 2014). De acordo com Schwartz e Durrive (2010, p. 191), o ser humano irá se deparar sempre com um debate do qual não poderá escapar, e esse é um “destino a viver”.

Devemos nos atentar ao fato de que a atividade laboral não pode ser considerada totalmente autônoma, uma vez que nunca agimos sozinhos, quase sempre envolvemos os outros com quem trabalhamos. Segundo Schwartz e Durrive (2010, p. 191), nossas escolhas, de alguma forma, são atravessadas pelos outros e isso exige, além do “uso de si”, o “uso de si pelos outros”. Nesse sentido, no Excerto 1, a docente indica que os “outros” que influenciam o seu fazer laboral vão além da escola que regulamenta o seu trabalho, ou da sociedade (país)

que espera que ela cumpra o seu papel de educadora. Os “outros”, na situação em que se encontra a oradora, no recorte em análise, corresponde à sua própria família.

Nos dizeres “*todos em casa*”, “*criança correndo pra lá pra cá*”, “*gente chamando*”, “*ambiente de trabalho – que é dividido com outras pessoas*”, percebemos um cenário em que os “outros” que interferem na atividade docente são as pessoas que fazem parte não da sua vida profissional, mas da sua vida pessoal, com quem a protagonista do estudo divide a casa, o lazer e as suas intimidades. As escolhas desse ou daquele procedimento ou modalidade de ação para a realização da atividade são afetadas por esses sujeitos, uma vez que o espaço de trabalho foi transferido para a própria casa da oradora.

Já as pistas presentes na materialidade linguística, expressas pelo enunciado “*some ainda a pressão de trabalhar mais e ouvir, que talvez, você tenha seu salário reduzido*”, demonstram a dramática vivenciada pela enunciativa ao enfatizar o crescimento da demanda de trabalho, ao mesmo tempo que se sente pressionada pelo medo de ter seu salário reduzido. Cabe ressaltar que várias escolas e universidades privadas reduziram o salário dos professores, causando preocupações em relação ao orçamento familiar desses indivíduos. A oradora deixa transparecer sua aflição pelo excesso de trabalho para cumprir com as novas regulamentações impostas pela instituição de ensino e pela pouca valorização por parte do coenunciador (sociedade).

A visão apresentada corrobora com a ideia de que a sociedade não valoriza a atividade do professor. A desvalorização não se dá apenas no sentido financeiro, mas também intelectual, comprovado pela expressão “*está em casa ganhando para fazer videozinho*”. O uso do diminutivo “videozinho” minimiza o trabalho que a professora depreendeu para elaborar o conteúdo audiovisual sem a assistência de profissionais capacitados para trabalhar com tecnologias digitais. Assim, identificamos que o discurso do Excerto 1 revela que, além dos que dividem o ambiente domiciliar, os outros que atravessam a atividade da docente são, também, aqueles que qualificam seu trabalho, que lhe pagam e esperam um resultado de qualidade, isto é, escola e sociedade (país). Conforme Schwartz (2010, p. 192), a forma como se negocia “este encontro com os outros, a partir das escolhas feitas, remete efetivamente aos dramas mais profundos da pessoa”.

As dramáticas do uso de si são evidenciadas ainda mais no Excerto 2, o qual deixa transparecer o desespero da autora do texto, que suplica por compreensão e valorização do seu trabalho. Ao enunciar que “*a gente está correndo contra o tempo pra deixar tudo pronto*”, a professora nos mostra que renormalizar a atividade não é uma tarefa fácil (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010), e que demanda tempo, conhecimentos e reflexão, posto que essa ação é a resposta para um debate entre o que, como e o porquê fazer ou não dessa ou daquela maneira

a atividade de trabalho. Ao renormalizar, o sujeito age de forma particular, incorporando à ação antes desenvolvida os ingredientes de sua própria subjetividade, seus próprios valores. Conforme Schwartz (2014, p. 261), o sujeito “faz uma escolha de ato de trabalho de que não se podem excluir as modalidades da incidência sobre ela de um universo de valores que integram de maneiras variáveis a outra num hipotético mundo comum”.

Em “*estudamos muito para chegarmos a professores. Dar aula não foi do dia pra noite*” fica evidente o debate de valores vivenciado pela docente no momento da renormalização da atividade. Ser professora para ela significa desenvolver sua atividade da melhor forma possível, usando o melhor de si, pois essa profissão foi conquistada com muito esforço, tempo e dedicação, e ela precisa manter seus princípios, seus valores, além de atender às exigências do momento vivido e da comunidade escolar. Para tanto, no enunciado “*estamos trabalhando o triplô*”, a oradora enfatiza as dramáticas do uso de si, dado que está fazendo uso de si mesma, do seu tempo extra e da sua singularidade em reaprender e dar conta do que falta, para apresentar um trabalho de qualidade e que atenda às expectativas de alunos, pais e escola.

Compreender e analisar um discurso requer que situemos os enunciadores em um espaço delimitado, no qual se encontram suas ações verbais e não verbais. Maingueneau (2015) denomina esse espaço de “cena de enunciação”. O discurso pressupõe esse quadro, que é definido pelas restrições do gênero discursivo e pela encenação da enunciação (MAINGUENEAU, 2015). Devemos considerar que a cena de enunciação pode, de acordo com Maingueneau (2018), ser dividida em três cenas: cena englobante, cena genérica e cenografia.

A cena englobante estabelece o tipo de discurso, o qual faz parte da atividade social de um grupo que mobiliza uma série de gêneros discursivos. No caso do enunciado analisado, a cena englobante corresponde ao discurso político-educacional. Para caracterizar o cenário que manifesta esse discurso, destacamos que, com a pandemia de COVID-19, que teve início no Brasil em 2020, diversas políticas públicas foram severamente atingidas no País. A educação foi uma das principais áreas a sofrer com as mudanças bruscas: o ensino, até então presencial, passou a ser remoto e mediado pela internet. Por conta de tais mudanças, os professores passaram a ser pressionados para produzir conteúdo multimídia para substituir as aulas presenciais, o que culminou no relato apresentado nos Excertos 1 e 2.

A cena genérica determina o gênero e a realidade material e acessível aos parceiros do discurso e, por fim, a cenografia se constrói a partir do próprio texto. Nesse sentido, o trecho em análise constitui uma cena genérica caracterizada pelo gênero discursivo *post* em rede social. Ele se caracteriza pela linguagem simples e acessível e visa atingir o maior número de internautas possível. Além disso, o suporte *on-line* permite a ampla divulgação da mensagem

em um curto período de tempo. Por ser um texto originalmente postado na rede social Facebook, ainda é possível que outros usuários compartilhem a mensagem, dando a ela ainda mais alcance. Por se tratar de um desabafo, conforme a própria autora declara no início do texto, “*vai ser um textão de desabafo sim*”, temos um enunciador dizendo de si, personificando em um relato escrito um período vivido e experiências praticadas. Assim, o enunciado permite que o quadro cênico (cena genérica) se desloque para outro plano, o da cenografia.

Segundo Maingueneau (2018, p. 77), em uma cenografia, a figura do enunciador “[...] e a figura correlativa do coenunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge”. Ao nomear o texto como “Textão da Quarentena”, a enunciativa indica o momento em que o discurso foi produzido, isto é, durante o período de isolamento social exigido para conter a pandemia de COVID-19.

As pistas discursivas “aula”, “turmas” e “professores”, encontradas no Excerto 1, remetem, inicialmente, a uma cenografia constituída no ambiente educacional. No entanto, no decorrer da leitura, o enunciado “*estamos todos em casa*” permite ao coenunciador identificar uma mudança de ambiente, anulando a imagem de escola, da sala de aula ou de outro aspecto que remeta ao campo da educação. Com isso, a cenografia do Excerto 1 se molda no contexto residencial do enunciador, ou seja, na sua própria casa, a qual se distancia, e muito, do local adequado para o ensino, o que pode ser comprovado pelos trechos “*crianças correndo pra lá e pra cá*”, “*gente chamando*” e “*ambiente de trabalho – que é dividido com outras pessoas*”. A cenografia é reforçada pela imagem associada à publicação, que mostra a professora autora do texto com semblante desanimado e olhos chorosos; ainda, ao fundo se vê uma estante de livros que indica o grau de conhecimento necessário para o exercício da profissão. O fato de a professora estar sozinha na imagem reforça a ideia de isolamento social imposto durante a pandemia, bem como o sofrimento psicológico desencadeado pela situação.

A cenografia está no primeiro plano quando se trata de discursos oriundos da internet (MAINGUENEAU, 2020). Os fatores apreendidos do Excerto 1 permitem a construção de uma cenografia que contribui para a imagem de um educador fora do seu contexto laboral e revela a figura de um fiador concebido de um caráter e uma corporalidade constitutivos ou, estreitamente, próximos de um *ethos* (MAINGUENEAU, 2020), possível de ser construído quando se faz um desabafo, o que pode ser verificado pelo tom dado às passagens “*eu demoro*”, “*eu percebo*” e “*ao fato de eu não saber*”. Assim, o *ethos* manifestado no Excerto 1 é de uma professora dedicada, esforçada, buscando atender às expectativas e exigências de uma aula remota, como podemos constatar em “*fazer a aula, gravar e editar*” e “*procurar tutoriais na*

internet?. No entanto, o discurso permite que o *ethos* de dedicação seja acompanhado de um *ethos* de trabalhadora desmotivada, debilitada e esgotada em relação ao momento vivido e às consequências desse momento, um *ethos* de medo e insegurança sobre sua vida financeira, identificados em “*you have your salary reduced*”, e um *ethos* de desvalorização, revelado pelo enunciado “*ganhando para fazer videozinho*”.

No Excerto 2, no enunciado “*o professor do seu filho tá em casa*”, a cenografia se mantém no contexto domiciliar da enunciativa, reforçando a ideia de um trabalhador fora do seu mundo de trabalho e, possivelmente, não exercendo sua atividade. No entanto, as marcas linguísticas expressas no Excerto 2 (Quadro 1) permitem, segundo Maingueneau (2020), que o interlocutor construa a imagem da docente com base no que ela diz e na sua maneira de dizer. Os enunciados “*eu quero empatia*”, “*eu quero que as pessoas entendam*”, “*estamos trabalhando o triplo*”, “*olhe para seu professor com mais carinho*”, “*nós vamos precisar de ajuda*” e “*valorizem seus profissionais*” revelam a imagem de si de um sujeito que está sim exercendo seu trabalho, mas que precisa reaprender, renormalizar o que era, para esse profissional, sua atividade de trabalho e que clama por compreensão e valorização.

O tom dado às palavras “entendam”, “carinho”, “ajuda” e “valorizem” possui uma vocalidade própria que permite construir a imagem de um fiador que se sente desvalorizado pela sociedade e pela instituição de ensino, que se mostra esgotado frente às novas exigências laborais impostas pela pandemia e reivindica que os outros que atravessam a sua atividade compreendam a sua situação e o ajudem, valorizem e entendam que ele está fazendo o possível para exercer a sua atividade profissional da melhor forma possível (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010).

A construção textual, a maneira de dizer da professora, oportuniza a incorporação do leitor a um mundo ético da docente, que, por seus valores, busca fazer o melhor pelos seus alunos, reforçando o *ethos* elaborado no Excerto 1 de trabalhadora esforçada e dedicada, porém desvalorizada e debilitada pela situação pandêmica. Temos, então, alguém como fiador, que, pelo seu tom, atesta o que é dito ao falar de si mesmo, de suas dramáticas, sua atividade laboral e suas próprias experiências em um período conturbado, o que, conforme Maingueneau (2020, p. 14), promove “a adesão do leitor por que a maneira de dizer implica em uma maneira de ser”.

A imagem do destinatário é assumida, incorporada pelos leitores do discurso, os quais podem estar vivenciando as mesmas dramáticas ou demonstram interesse por assuntos que envolvam as consequências da COVID-19. Considerando a interação possível por meio do Facebook – no qual o texto produzido por um determinado enunciativo é apropriado por

outros enunciadores que compartilham da mesma opinião/situação –, no início do mês de outubro de 2020, o texto possuía 14 mil compartilhamentos, 92 comentários e 30 mil curtidas. Cada interação pode ser considerada como adesão dos coenunciatórios ao discurso proferido pelo enunciador.

As novas contribuições deixam o texto ainda mais complexo e heterogêneo, tornando difícil depreender dele um *ethos* homogêneo, se levarmos em consideração cada um dos comentários. Maingueneau (2020) esclarece que é preciso diferenciar o texto (*ethos* forte) dos comentários (*ethos* fraco), visto que o autor precisou pensar sobre o conteúdo, a temática, o tamanho do texto, entre outros fatores. Identificar o *ethos* da professora é, então, mais apropriado e concreto do que analisar os comentários e possíveis coenunciatórios.

Por fim, identificamos que as dramáticas enfrentadas pela professora em sua atividade de trabalho se refletem e constroem o *ethos* que ela revela em seu discurso, conforme podemos verificar na Síntese Ergodiscursiva apresentada no quadro 2:

Quadro 2 – Síntese Ergodiscursiva

Recorte	<i>Ethos</i>	Dramáticas
Excerto 1	Professora desmotivada, debilitada, esgotada, sentindo-se incapaz de atender às novas exigências laborais impostas pela situação pandêmica e sendo desvalorizada pela sociedade.	Dificuldade na adaptação das aulas presenciais para o modelo a distância. Excesso de trabalho, incerteza financeira e desvalorização por parte dos pais dos alunos.
Excerto 2	Professora reivindica uma compreensão durante uma situação da qual não tem controle.	Falta de compreensão e valorização por parte dos colegas e da sociedade. Dificuldade em efetuar as renormalizações necessárias à atividade.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

O *ethos* revelado nos excertos 1 e 2, extraídos do “textão da quarentena”, está ancorado nas profundas dramáticas que a enunciativa vivencia em sua atividade. A combinação entre a teoria da Análise do Discurso e da Ergologia propiciam a identificação dessas dramáticas por meio da construção do discurso da docente, tornando-as acessíveis e passíveis de compreensão e interesse pelos envolvidos direta e indiretamente nesse mundo do trabalho.

Considerações finais

Esta investigação, de caráter interdisciplinar entre a Linguística do Discurso e a Ergologia, apresenta como delimitação do tema a construção do *ethos*, como imagem de si, mediante as cenografias instituídas na atividade de trabalho. Nesse sentido, tomamos como

pressuposto inicial desta pesquisa a afirmação de que o professor, em atividade remota de ensino, revela um *ethos* discursivo, como imagem de si, construído mediante cenografias atípicas que o conduzem ao uso de si por si e pelos outros na realização do seu trabalho. A partir dessa estimativa, apresentamos como objetivo central desta investigação analisar a construção do *ethos* discursivo do professor, como imagem de si, em atividade de trabalho remoto, quando submetido a uma cenografia atípica que o leva ao uso de si por si e pelos outros para a realização do seu trabalho.

Ao abordar a Ergologia e a semântica global, depreendemos, por meio de marcas discursivas, os sentidos expressos no discurso da professora, que levam à construção de uma cenografia que revela o *ethos* discursivo de uma profissional que vivencia as dramáticas do uso de si de um trabalhador em contexto pandêmico. O *ethos* revelado pela análise é de uma professora que está esgotada pelo excesso de trabalho, sentindo-se incapaz de cumprir as tarefas de atividade após as renormalizações acarretadas pela pandemia. Além disso, ela precisa gerir seu corpo sob insegurança financeira e desvalorização de seu trabalho perante a sociedade – fatores que intensificam as dramáticas enfrentadas por ela. A dificuldade em efetuar as renormalizações necessárias ao trabalho fica evidente no Excerto 2, e corrobora com as manifestações apresentadas no Excerto 1.

Nosso estudo auxiliou na compreensão mais profunda de um texto publicado em rede social, oferecendo pistas linguísticas pertinentes para caracterizar a vivência dos professores em atividade de trabalho no momento da pandemia de COVID-19. Este é um estudo inicial e que pode ser complementado com posteriores análises dos demais excertos do texto em questão, bem como com comentários realizados na postagem original, que possam suscitar novas interpretações.

FROM THE PRESENTIAL TO THE DIGITAL IN PANDEMIC TIMES: ETHOS REVEALED BY THE TEACHER IN REMOTE ACTIVITY

ABSTRACT: This study aims to analyze the construction of the teacher's discursive ethos, as an image of himself, in remote work activity, when subjected to an atypical scenography that leads her to use himself by her own and by others to do the job. We use the theoretical studies on language and work to develop data analysis. We rely on the theoretical assumptions of the scenography and ethos of Maingueneau's Discourse Analysis (2008; 2013; 2015; 2018; 2019; 2020), as well as on the principles of Ergology, proposed by Schwartz (2014), Schwartz and Durrive (2010), Nouroudine (2002), Faïta (2002) and Souza-e-Silva (2002). This is bibliographic and exploratory research, with a qualitative approach. The corpus consists of a teacher's testimony, posted on the social network Facebook after she suffered an anxiety crisis for not being able to complete a video lesson. We observed that the teacher, in allowing “use of self by herself” and “self by others”, went beyond the healthy limit for her activity. We found that the dramatic and renormalizations experienced by the teacher made her reveal an ethos of physical and psychological exhaustion, feeling pressured and devalued by society, and crying out for recognition.

KEYWORDS: Remote Activity. Language and Work. Pandemic. Teacher.

REFERÊNCIAS

- DANIELLOU, François. *A ergonomia em busca de seus princípios: debates epistemológicos*. São Paulo: Edgar Blücher, 2004.
- DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; BARBOSA, Vanessa Fonseca. Uma entrevista com Yves Schwartz. *Letrônica*, v. 9, n. esp., 222-233, nov. 2016.
- FAÏTA, Daniel. Análise das práticas languageiras e situação de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez; FAÏTA, Daniel (org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 45-60.
- GUÉRIN, F. et al. *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. São Paulo: Blücher, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- _____. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 69-92.
- _____. *A propósito do ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 11-29.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Variações sobre o ethos*. São Paulo: Parábola, 2020.
- NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez; FAÏTA, Daniel (org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-30.
- SCHWARTZ, Yves. Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 259-274, jul./set. 2014.
- SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. A linguagem em trabalho. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. 2. ed. Niterói: Ed. UFF, 2010. p. 131-188.
- SOUZA-E-SILVA, Marília Cecília Pérez. A dimensão languageira em situações de trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Marília Cecília Pérez; FAÏTA, Daniel (org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 61-76.
- VOGES, Márcia Cristina Neves; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Usos de si no ensino remoto emergencial: A atividade docente sob os enfoques dialógico e ergológico. *Signo*, v. 45, n. 86, p. 193-205, jan./abr. 2021.

Recebido em: 29/03/2021.

Aprovado em: 22/06/2021.